

O Que é um Romance Inesquecível? Os Processos de Apropriação Cultural dos Livros do Coração¹

Roberta Manuela Barros de ANDRADE²

Erotilde Honório SILVA³

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

Resumo

Os romances sentimentais são o mais popular gênero de ficção do mundo. Porém, poucos são os títulos lançados no mercado editorial que são considerados, por seus fãs, inesquecíveis. Os romances inesquecíveis são entendidos, aqui, como aquelas obras que reúnem todas as outras nelas mesmas, que atingem o grau máximo de prazer que sua leitura pode proporcionar. Mas que sistema de classificação implícito tanto no texto como em seus modos de recepção é posto em ação quando os leitores dizem “este é um livro inesquecível”? Neste contexto, são, pois, os protocolos de leitura dos romances sentimentais e as suas práticas de leitura, situadas em uma comunidade de leitura específica, alocada no município de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, o objeto de reflexão deste trabalho.

Palavras-chave: romances sentimentais; protocolos de leitura; práticas de leitura.

Os Romances Inesquecíveis: Entre Protocolos e Práticas de Leitura

A literatura de entretenimento é moldada por uma demanda de mercado destinada a um amplo público consumidor, englobando todas as gerações, gêneros e classes sociais. Nesta literatura, existem diversos gêneros e formatos, com unidades temáticas e discursividades distintas. No interior desta literatura, encontramos os livros de ficção científica, os policiais, os de faroeste, os de aventuras, os de auto-ajuda e, finalmente, os livros sentimentais, também chamados de romances “água com açúcar” ou “livros do coração”. Nesta plêiade de gêneros, os romances sentimentais se destacam. Estes são o gênero de ficção mais popular no mundo⁴. Suas histórias centram seu relato no encontro amoroso e em suas dificuldades de realização. Neste caso, as aventuras, os crimes e a ficção

¹. Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

². Graduada em Comunicação Social, mestre e doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunto L da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: manubarros@secrel.com.br.

³. Graduada em Comunicação Social, mestre e doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professora Titular da Universidade de Fortaleza. E-mail: eroh@unifor.br.

⁴. Os romances sentimentais são, hoje, responsáveis por mais da metade de toda a produção mundial de ficção vendida na América do Norte. Na contemporaneidade, estes romances representam um montante de 1,52 bilhões de dólares em vendas, superando qualquer outro gênero disponível no mercado (BUN, 2007).

científica, por exemplo, funcionam apenas como contexto a partir do qual o amor pode encontrar lugar⁵.

Entrementes, se a perspectiva literária afiança que os livros populares são consumidos como uma cerveja ou um enlatado, lendo-se rapidamente, e jogando a embalagem fora depois porque o produto é perecível (SODRÉ, 1978; AVERBUCK, 1984 e CALDAS, 2001), recentes estudos empíricos sobre os processos de leitura dos romances sentimentais relativizam tais afirmativas (ANDRADE e SILVA, 2013a). Se a cultura oficial apregoa que todos os romances são “iguais”, constituídos por inúmeros autores cujos nomes, em geral, após certo tempo, não são lembrados, as práticas de leitura do gênero sentimental desmentem esta pretensão.

A comunidade de leitoras⁶ que sustenta o consumo deste bem cultural constrói hierarquias para seu consumo. Para seus fãs, nem todos os romances sentimentais são iguais. Eles possuem qualidades que os diferem uns dos outros. Estes romances são classificados por seu público leitor de diferentes maneiras. Há os romances “fracos”, “desinteressantes”, “passáveis”, “bestas”, os “quentes”, os “românticos”, os “enfadonhos”, os “sensuais”, os “pueris”, os “estereotipados”, os “emocionantes”, e finalmente os “inesquecíveis”. É nestes últimos que se centra este trabalho. Os livros que se tornam inesquecíveis para gerações de leitores diferenciados nos indicam que há um sistema de classificação implícito em seu consumo que define uma modalidade de leitura bem particular. Mas que sistema de classificação implícito tanto no texto como em seus modos de recepção é posto em ação quando os leitores dizem “este é um livro inesquecível”?

No meio dos milhares de títulos lançados no mercado editorial todos os anos⁷, alguns eminentemente se destacam entre seus leitores. Estes são considerados os livros inesquecíveis, aqueles que reúnem todos os outros neles mesmos, que atingem o grau máximo de prazer que sua leitura pode proporcionar. Estes livros não são jogados fora, nem trocados, e raramente são emprestados⁸ e passam por sucessivos processos de re-leituras.

⁵. A crítica especializada denomina de romances sentimentais uma obra de ficção que relata histórias de amor que destacam os estados emocionais e os conflitos internos das personagens muito mais do que as suas ações externas (SAMONÁ, 1980).

⁶. Os romances sentimentais são, praticamente, o único gênero literário cujo consumo é eminentemente feminino.

⁷. Para as classes populares, os livros de banca de revista são os mais acessíveis. Para as classes mais privilegiadas, os mega sucessos presentes nas grandes livrarias. Editoras como *Paralela*, *Intrínseca*, *Arqueiro* (responsáveis pela publicação de *best sellers* como os de Sylvia Day, E.L James e Nicolas Sparks) publicam no Brasil, incessantemente obras, encontrado nas grandes livrarias país a fora e que são hoje um estrondoso sucesso de vendas. Assim, de fato, os romances sentimentais, com formatos e custos diferenciados, alcançam todas as classes sociais, como atesta a nossa pesquisa.

⁸. Em geral, emprestar e trocar são práticas de uso frequentes entre as leitoras do gênero (ANDRADE e SILVA, 2013a). Porém, os empréstimos só ocorrem com pessoas de confiança das leitoras e a fim de que a troca se dê é necessário que o livro seja classificado como chato, enfadonho ou medíocre.

Em geral, ocupam um lugar especial nas prateleiras onde são guardados. Alguns desses romances vigoram na lista dos *best sellers* do gênero outros não atingem este patamar. Mas, em um caso ou em outro, como nos atesta o trabalho recente de Andrade e Silva (2013b), obtendo ou não realce no mundo editorial, há uma estrutura ideal que subjaz ao gênero que pode ser percebida pelos protocolos de leitura ali encontrados.

Lembremo-nos, junto com Chartier (2011), que os protocolos de leitura são características intrínsecas a um texto e sua impressão que pretendem assegurar, ou ao menos indicar, a correta interpretação que se deveria dar a ele. Os protocolos de leitura definem quais devem ser os usos adequados do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal. Todo texto é construído a partir da imagem de um leitor ideal, cuja competência decodificaria o sentido preciso que o autor e o editor do texto pretenderam fornecer a ele. No texto, há determinados elementos que o autor dissemina que orientam sua leitura em uma direção, ao mesmo tempo em que esta orientação se completa na própria matéria tipográfica. Esta matéria, em geral, é de responsabilidade do editor, que ao acrescentar ou diminuir o número de capítulos, abreviar ou aumentar o número de parágrafos, condensar ou cortar certas passagens, dá uma orientação ao texto que pode comprometer ou não o sentido primário, básico, dado por seu autor. Neste contexto, são, pois, os protocolos de leitura intrínsecos aos romances sentimentais e as práticas de leitura a que dão suporte de que se trata este trabalho.

A partir desta pretensão, elegemos como universo de pesquisa 20 leitoras de uma comunidade interpretativa específica, situada no município de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, na região Nordeste do Brasil. Para isso, selecionamos como ponto central de reflexão, leitoras de romances sentimentais, de gerações e posições sociais diferentes tanto frequentadoras das bancas de revista e sebos do Centro de Fortaleza quanto de livrarias espalhadas pela Cidade. Mas, apesar de não terem necessariamente contato entre si, tais informantes, sem dúvidas, pertencem a uma comunidade. Neste contexto, lembramos com Bourdieu (2011) que toda situação de leitura está profundamente enraizada tanto em experiências individuais como comunitárias.

Partimos da premissa de que as distintas modalidades de apropriação dos romances sentimentais tem um princípio formador que é construído em suas práticas de leitura pelas competências de gênero, que são aqui entendidas como o conjunto de assunções e expectativas que as fãs dos romances sentimentais compartilham entre si e que orientam o seu sistema de classificação que vai dos livros chatos e enfadonhos aos emocionantes e

inesquecíveis. Trata-se, portanto, neste trabalho, da busca pelos princípios de formação, a partir da sua comunidade interpretativa, do que é classificado entre os fãs do gênero como um romance inesquecível.

Assim, pretendeu-se, a partir desta premissa, entender a concepção do romance inesquecível ou ideal tendo como base as práticas de leitura de comunidades interpretativas (RADWAY, 1987 e FISKE, 1987) ou comunidades de leitura (CHARTIER, 1998) compostas por um tipo de leitor específico, o leitor competente. Partimos do princípio de que a leitura não é somente um ato de fórum íntimo, secreto, com uma produção isolada e silenciosa, de formação individualizante. Como nos lembra Bourdieu (2011), as situações de leitura são historicamente variáveis. Existe, hoje, todo um conjunto de relações com os textos que passam pelas leituras coletivas, leituras que manipulam o texto, por vezes, elaborando um sentido em comum para ele. É isto que ultrapassa a habilidade individualizante da leitura, nos fazendo recair, na contemporaneidade, na ideia das comunidades de leitura ou interpretativas.

Quando falamos em comunidades de leitura estamos designando um espaço no qual as leitoras constroem e empregam assunções e estratégias de compreensibilidade semelhantes sobre o gênero (as ditas competências de gênero), mesmo que eventualmente, não tenham contato umas com as outras. Para Jauss (1978), nesta competência, está implícito o horizonte de atenção dos leitores como uma unidade, fundada sobre a experiência compartilhada que permitiria a compreensão dos sinais textuais postos no texto. A leitura, como nos lembra Sarlo (1990), como atividade socialmente condicionada por meio da qual os significados se organizam em um sentido, implica sempre a aquisição dessas competências, o que Jameson (2010) denomina de contratos sociais entre o escritor e o público que põem em xeque os limites e condições de produção e de recepção de um livro, e que se materializam em suas comunidades interpretativas. Neste trabalho, as comunidades interpretativas do gênero se definem por possuírem, em seu interior, as “leitoras competentes”, que possuem hábitos regulares de leitura e possuem grande proximidade com o gênero.

O universo da pesquisa situa as 20 mulheres entrevistadas, prioritariamente, entre os 18 e 45 anos (83% entre 18 e 45, 12 % acima de 45 anos e 6% entre 13 e 17 anos). Dessa amostragem 60% das entrevistadas são casadas e 40% solteiras. As profissões são variadas: vão desde auxiliar de escritório, costureiras, costureiras, secretárias a estudantes, desempregadas, professoras, comerciantes, consultoras de vendas e gerentes de marketing.

As casadas, prioritariamente, têm filhos, o número varia entre 1 a 3. Quanto ao seu nível educacional, 50% de nossas leitoras têm o superior incompleto, 28% um curso superior completo, 11% o ensino médio completo e 6% o ensino fundamental completo e 6% o ensino fundamental incompleto. O acesso ao sistema educacional é quase paritário, 44% de nossas entrevistadas estudaram em escolas públicas e 56% em escolas privadas. A renda familiar das entrevistadas se situa entre 2 salários mínimos e 10 salários mínimos (28% estão entre 2 e 3 salários mínimos, 22% entre 5 e 6 salários mínimos, 17% entre 1 e 2 salários mínimos, e 12% acima de 7 salários mínimos).

O seu lazer predileto é, obviamente, ler. As nossas fãs da leitura preferem escutar música, navegar na internet e ir ao cinema a assistir à TV⁹. Das entrevistadas, 21% leem jornais, 18% livros de aventura, 15% revistas informativas, 12% revistas de fofoca, e 12% livros indicados pela faculdade. Cerca de 60% das entrevistadas costumam conversar sempre sobre romances com parentes, amigos, colegas, quer pessoalmente ou pela internet nos sites especializados. Os livros são acessados através de livrarias, sebos, bancas de revistas, *websites* e pelo sistema de empréstimos e trocas¹⁰. A escolha dos livros passa prioritariamente, pelos protocolos de leitura. Das entrevistadas, 29% compram a partir do que leem no resumo da obra, 16% pela capa, 18% pelo autor, 13% pelo título. Cerca de 18% das entrevistadas compram um livro por indicação de amigos.

A Comunidade de leitura dos romances sentimentais

A leitura de romances é uma prática cultural forte entre os fãs do gênero¹¹ que perdura por décadas ainda que as autoras, coleções e subgêneros prediletos pertencentes ao universo destes romances venham variando ao longo do tempo. Apesar desta extensa variação de títulos, autores e coleções, alguns ultrapassam em prazer milhares de lançamentos editoriais ao longo das décadas, se fazendo presentes de forma intensa para gerações de leitoras muito diferenciadas. Estes são os volumes inesquecíveis, que não são descartados, e raramente emprestados, ocupando um lugar de destaque nas prateleiras domésticas. “Eu guardo na minha estante. Empréstimo, só se minha amiga assinar um contrato garantindo que vai voltar do mesmo jeito que foi, se não é morte”. (Juciara, 22,

⁹. Apenas 6% das entrevistas consideram assistir à televisão um lazer. Escutar música e navegar na internet se emparelham em termos de opção de entretenimento.

¹⁰. Das entrevistadas, 78% guardam os livros depois de lê-los, 18% emprestam e 4% trocam.

¹¹. Das entrevistadas, 83% lêem todos os dias. Os horários de leitura variam, leem a qualquer hora do dia ou da noite. 44% das entrevistas costumam ler romances em casa, 22% em sala de espera, 12% na faculdade, 10% no trabalho, e 12% dentro dos ônibus.

funcionária de loja comercial). Assim, não se trata apenas de um livro, mas de um objeto de culto, que deve ser cuidado e acarinhado como um amante ou um filho.

Eu sou ciumenta com os meus livros especiais, só empresto para quem cuida, quem tem o livro como um amante, um filho, que cuida, que devolve do jeito que a gente empresta, quem não tem cuidado eu não empresto os meus livros.” (Karla, 40, revendedora de material de laboratório)

A comunidade interpretativa dos romances sentimentais tem regimes de leitura diferenciados quando se trata dos “outros livros” e dos “livros especiais, prediletos ou inesquecíveis”. Não se trata, aqui, de uma figura de leitura intensiva, isto é, uma forma de ler que assegure eficácia ao texto, a partir de um trabalho de apropriação lento, atento e repetido (CHARTIER, 2011). Os protocolos de leitura intrínsecos aos romances sentimentais indicam que seus enunciados, simples, lineares, fechados produzem um tipo de leitura, nem intensa e nem profunda que se adequa a este formato, permitindo a rápida decifração de sequências breves e fechadas, o que atesta uma leitura cheia de retomadas que admite renovar, em qualquer ponto, a leitura interrompida (ANDRADE e SILVA, 2013a).

Nesta perspectiva, como indica Goulemot (2011), o livro indica com frequência o lugar e o espaço de sua leitura. Tal protocolo de leitura permite que esta aconteça em vários espaços sociais distintos, tanto na casa como na rua, tanto em um ambiente silencioso quanto em um barulhento, tanto no trabalho, como na escola/faculdade quanto no ônibus, em salas de espera de consultórios e clínicas e nos lares, tanto em seus quartos quanto na sala de estar. Este “regime de leitura” intermitente é típico dos hábitos de leitura de seus fãs.

Eu leio todo dia. Eu leio na parada do ônibus, eu leio dentro do ônibus, leio na hora do almoço. Depois do almoço é sagrado, ninguém nem fale comigo que eu não respondo, que estou na minha hora e quando eu volto para casa e quando chego dentro de casa fico assistindo televisão e nas horas da propaganda, eu levanto o livro e leio. Então, eu leio umas quatro a cinco horas por dia. (Karla, 40 anos, revendedora de material de laboratório).

Tal regime de leitura, que permite paradas constantes no ato de leitura, porém, não funciona com os romances ideais. A sua leitura não é intermitente, pelo contrário, ocorre, quase sempre, “de um fôlego só”, não há como “abandonar o livro” antes que ele encontre sua finalização. Estamos fazendo referência, pois a uma figura de leitura que defende a emoção do leitor como indicativo do regime de leitura apropriado ao texto, o que nos leva a um tipo de leitura específico, típico dos romances inesquecíveis, a leitura em doses

maciças, que não permite o abandono da obra até o seu término, que excita as emoções e alimenta a imaginação.

Se eu começar a ler ‘O livro’, eu não consigo parar de ler, às vezes eu viro a noite para terminar o livro. Eu não consigo parar! Se tiver a quebra, eu acho muito ruim, eu tenho que terminar. É e quando eu vou terminando de ler quando é muito bom, eu fecho o livro e não quero que acabe. Quando está acabando, eu não acredito. Os da Julia Queen, então, quando vai perto de acabar, eu fico me sentindo tão deprimida que, às vezes coloco até no Facebook: meu Deus, o livro tá acabando (Jordana, 28, desempregada).

Percebe-se que, para as leitoras, o romance ideal exerce um poder de atração irresistível sobre elas, referem que o “livro chama”, e este é um processo de leitura no qual a emoção é o grande móvel, instituindo em si regimes de leitura específicos. “Quando a história é emocionante, boa, você fica mais envolvido. Você passa a pensar naquela história quase que 24 horas. Às vezes, eu pego um livro pra ler, a história é boa e eu não consigo parar, sabe?” (Carla, 38, costureira). Neste contexto, a emoção experienciada é tão intensa que permite vários processos de releitura. O romance ideal parece nunca acabar de dizer a suas leitoras a que veio. Este exacerbamento emotivo incorporado na primeira leitura segue provocando o mesmo efeito em leituras subsequentes, com espaços de tempo entre elas que podem acontecer entre meses a anos após a leitura inicial.

Não é à toa, pois, que os romances ideais são guardados como tesouros, sendo eles entre gerações diferentes de leitores. As autoras que produzem a maior quantidade de romances ideais são agraciadas pela sua comunidade leitora com o título de “rainhas”, recebendo apelidos carinhosos de seus fãs. Diana Palmer, por exemplo, se transforma em “Palmeirão”, Linda Howard, em “a Lindona”. Assim, nos resta indagar: quem, dentre as autoras contemporâneas, faz parte do pódio dos criadores dos romances inesquecíveis e que características suas obras devem possuir para ali serem inseridas?

Um modelo de romance inesquecível: entram em cena os “Romances Florzinhas”

Os livros “eleitos” pela nossa comunidade de leitura foram produzidos por várias autoras diferentes, em momentos históricos distintos. Algumas começaram a publicar suas obras em fins dos anos de 1970, algumas estão claramente presentes nos anos de 1980, e outras na primeira década do século XXI. Entre as autoras prediletas de nossas fãs, as que criam as verdadeiras “obras primas”, temos nomes bastante diferenciados. As mais citadas são, além de Diana Palmer e Linda Howard, Helen Bianchin, Julia James, Penny Jordan, Lynne Graham, Lucy Monroe, Emma Darcy, Chantelle Shaw, Miranda Lee, Nora Roberts, e Sharon Kendric.

Todas as autoras citadas foram indicadas por nossa comunidade de leitura como “rainhas” dos romances, o “topo do topo” porque produziram algumas obras que se tornaram “perfeitas”, “inesquecíveis”, tão emocionantes e prazerosas que “só mesmo um fã para entender”. Estas autoras parecem ter características superiores às do gênero, uma maneira peculiar de descrever os sentimentos das personagens, de dar sentido à história, de construir o princípio da verossimilhança, que, segundo suas fãs, as diferenciam das demais. As “rainhas” parecem possuir a capacidade de descrever as personagens, com uma emoção que não recai na “pieguice”, revelando a capacidade de construir personagens e enredos emocionantes, com altíssimo grau de verossimilhança, segundo suas fãs,

A Diana Palmer, eu acho que ela consegue escrever sobre os sentimentos dos personagens sem deixar aquela coisa muito piegas, muito água com açúcar. E eu acho muito bonito o jeito que ela descreve os sentimentos deles, o que cada um sente pelo outro, a descrição dos personagens também. A história também em si, eu acho também bem escrita, bem amarrada (Caroline, 35, decoradora de bolo)

O que nos leva a perguntar: o que os livros prediletos dessas super autoras têm em comum entre si? Lembramos que a categoria “romance” inclui inúmeros subgêneros (o contemporâneo, históricos, western, paranormal etc), mas todos eles apesar de possuírem fórmulas próprias guardam motivos, convenções e expectativas semelhantes (LEE, 2008). Obviamente, este lugar especial que tais livros ocupam no coração dos fãs do gênero se estabelece a partir de determinados padrões de competência narrativa que nossas leitoras julgam que estes livros possuam. Enfim, o que um romance inesquecível deve ter para conquistar o coração de seus leitores?

Em geral, os romances que pertencem ao parthenon dos inesquecíveis são classificados pela sua própria comunidade interpretativa de “Florzinhas”. Florzinha é um termo criado pela própria comunidade leitora para designar um tipo específico de romance sentimental, com características bem precisas. O termo aparece, com frequência, tanto em nossas entrevistas, como nas postagens das fãs do gênero nos sites especializados na discussão, apreciação e acesso aos romances sentimentais¹². A expressão é tão difundida em sua comunidade de leitura que virou nome de um projeto de democratização do livro. Trata-se do *Projeto Florzinha* que reúne fãs que disponibilizam, gratuitamente, na rede, o download de livros pertencentes ao gênero, em forma digitalizada, quando se trata de livros

¹² . No Brasil, existem, hoje, cerca de 90 blogs voltados para o tema.

disponíveis no mercado brasileiro ou mesmo, digitados, traduzidos de obras ainda não lançadas para o português¹³.

Os protocolos de leitura dos romances “florzinhas” indicam a existência, na trama, de um forte conflito emocional entre as personagens centrais, em geral, oriundo de erros de julgamento de ambas as partes. Podem ser maus entendidos em relação a situações nos quais estão envolvidos, intrigas dos vilões ou compreensões equivocadas do caráter das personagens centrais. Neste contexto, o elemento mais importante da narrativa, sobre o qual esta se desenvolve, é também, na classificação de suas leitoras sobre o romance ideal, a existência de um grande conflito emocional que envolva o casal apaixonado. Das entrevistadas, 82% asseguram que o conflito emocional é um elemento essencial à narrativa, mas cujo desenrolar deve obedecer a determinados parâmetros, como brigas intermináveis entre as personagens centrais e sofrimentos marcantes¹⁴. “Eu acho que não pode faltar paixão, amor e tem que ter o drama (risos). Eu gosto de livro, no caso, com drama mesmo, que eles sofram por algum motivo, não por estar separados, mas também por problema financeiro” (Flávia, 40, modelista).

Nestes romances, há fortes diferenças entre as classes sociais, os homens sendo sempre extraordinariamente ricos, e as mulheres, majoritariamente vindo de classes sociais bem menos abastadas. Mas, o contrário não é aceitável em um romance ideal, como atesta a fala de Juliana, 26, secretária: “Se ele for rico tudo bem, se ela for rica e ele pobre eu não gosto, sei que parece preconceito, mas não gosto” (Juliana, 26, secretária). Nos romances inesquecíveis, em geral, os homens são descritos como fisicamente extraordinários: se não belos, são viris, fortes e másculos. Apesar do perfil da heroína ter se transformado ao longo do tempo (como veremos a seguir), nos romances inesquecíveis, o do herói continua praticamente o mesmo. São dominadores, ricos, se não bonitos, atraentes, brutos (mas nunca violentos), fiéis, rudes, inteligentes e decididos. Os homens ideais descritos em tais romances são, enfim, apaixonados, poderosos, arrogantes e prepotentes. Nestas representações, a definição de gênero obedece a um claro perfil conservador.

Meu mocinho?... Totalmente diferente do meu marido (risos).
Apaixonado, atencioso, porque eu sei que pra encontrar um homem assim
é uma raridade, mas quem é que não sonharia em ter um homem igual o

¹³. Estes romances, quando publicados por editoras nacionais, aparecem cronologicamente nos anos de 1980, no Brasil, e são característicos das coleções *Julia*, *Sabrina* e *Bianca*, mas sua estrutura narrativa, de estrondoso sucesso, também pode ser encontrada em romances posteriores a este período histórico, como na coleção *Paixão*, lançamento de sucesso em 2010, publicada pela editora *Harlequin-Silhouette*, e acessível tanto em bancas de revista como em grandes livrarias país afora.

¹⁴. “Eu acho que não pode faltar briga, eu gosto de briga. Eu gosto muito de briga de personagens. Pra dá um Q a mais, se não fica muito água com açúcar” (Juciara, 22, empregada de loja)

do livro? Parece que de tudo, em primeiro lugar, vem a mulher e depois vem o resto. Charmoso, lógico... Rico, lógico, um empresário, minha filha, com muito dinheiro pra mim gastar (Flávia, 40, Modelista)

Enquanto isso, as mulheres apresentam como características psicológicas marcantes a ingenuidade, a passividade, a inocência. Fisicamente, elas variam em suas descrições, de comuns a tremendamente bonitas. Porém, se forem comuns, passam por um processo de embelezamento. Diana Palmer, considerada pelas fãs do gênero umas das rainhas dos romances inesquecíveis, tem o hábito de construir suas heroínas como desprovidas de maiores encantos. Em quase todos os seus romances, então, o embelezamento é um dos motores da narrativa e tem um efeito impactante no desenrolar da trama.

Christian-Smith (1987) descreve este elemento, presente com frequência nos romances sentimentais em geral, e nos romances inesquecíveis com maior ênfase, como a união entre prazer, sexualização do corpo e comportamento socialmente adequado. Nestes romances, a heroína é sem graça até que uma rotina de beleza (que envolve, em geral, maquiagem e roupas) a torne linda. A beleza não é a pré-condição do romance - o herói pode se sentir atraído pela heroína mesmo antes de sua transformação em Cinderela-, mas a evolução da relação se deve a entrada deste novo elemento, que sexualiza o encontro a dois. O embelezamento é um dos caminhos nos quais a feminilidade é mediada pela sexualização do corpo. Mas, tal processo, só tem sentido se o herói reconhecer e aprovar sexualmente a transformação. Ele deve se sentir “nocauteado” pelo resultado final do processo. Em muitos dos enredos dos romances inesquecíveis, são os homens, viris, belos e milionários que se responsabilizam pela transformação da “menina” em “mulher”. Quando o ato é mediado pelo poder e riqueza masculinos a sensação de prazer com a narrativa, para as fãs do gênero parece aumentar.

O que eu acho legal é os banhos de loja. Eles contratam as modistas, né? Aí monta os guarda-roupas completos, quando elas penteiam o cabelo, faz unha e pé e se arruma, aí pronto: deixa de ser a gata borralheira e vira a Cinderela (Carla, 38, Costureira).

Em geral, ao lado do poder e da riqueza, a rudeza do herói (que no decorrer da história é domesticada pelo amor da heroína), é por certo, garantia de sofrimento para esta mocinha, que perante às injustiças contra ela perpetradas, assume quase sempre uma atitude passiva, daí porque são consideradas, muitas vezes, por suas leitoras como “tontas e bobocas”¹⁵. Nos romances ideais quanto maior for o sofrimento da mocinha, maior será o castigo

¹⁵ “É o que a gente chama de florzinhas, em que geralmente os homens são arrogantes ao extremo, e as mulheres são burras, tapadas. Eles fazem o diabo a quatro com elas e para elas está tudo bem (...). Meu Deus, eu só posso estar com

do “macho arrependido”, que se “derramará a seus pés.” Neste sentido, a fim de que um romance possa ser considerado um romance inesquecível, é necessário que a mocinha dê o troco, “o mocinho tem que rastejar muito para compensar o que ele fez ela sofrer” (Rafaela, 22, estudante). Este rastejar é ainda mais humilhante porque se trata sempre de homens bonitos e ricos, que se debulham por mulheres pobres e nem sempre bonitas. Os romances ideais definem, assim, as relações entre os sexos como relações de poder nas quais a supremacia do macho sob a fêmea está sempre em jogo. Esta relação de poder se estabelece sob uma espécie de pedagogia do sofrimento.

Desta feita, os romances sentimentais inesquecíveis se caracterizam por incitar a dor, mas, ao final, a recompensa do amor correspondido garante a harmonia entre o casal, o casamento perfeito e a chegada do iminente final feliz. Como bem lembrado por Schumway (1999), o final de um romance inesquecível não é o fim da narrativa, a vida continua pelo desenrolar do casamento perfeito. Este imperativo do final feliz como componente essencial para um romance inesquecível está em 96% de nossas entrevistadas. O romance inesquecível não pode, destarte, deixar de ter seu final feliz, pois “já acontece tanta coisa ruim na vida né, aí você vai ler e ainda se deparar com um final triste, no meu romance eu quero um final feliz”. (Danielle, 26, funcionária pública). Esta finalização é a sua principal razão de ser o elemento maior que sustenta o pacto entre produtores e leitores. Uma vez que tal pacto quebrado, a identificação com o gênero se desfaz.

Apesar dos tempos de revolução sexual, todas as nossas leitoras condenam o aparecimento nos romances de heroínas feministas. Mas, apesar de desaprovarem, em quase sua totalidade, heróis machistas, quando indagadas sobre os seus romances prediletos, esta característica do herói parece ser marcante, ainda que atenuada pelo fato de estarem muito apaixonados, e se “derreterem pela aquela mulher”. Todas condenam heróis e heroínas corruptos, violentos, mentirosos, covardes. Em compensação aceitam certa dose de crueldade do herói em relação à heroína. Das entrevistadas, 44% acreditam que a crueldade no herói é um fator aceitável na relação, desde que seja justificada por traumas psicológicos, que sofram depois pelo ato cometido e que haja um alto teor de arrependimento em suas atitudes. A narrativa deve explicar “o que aconteceu no passado que o levou a ficar daquele jeito” (Juciara, 22, empregada de loja). Em geral, as fãs gostam, nos romances ideais, que a rudeza venha do sofrimento, parecem apreciar, nos romances

o juízo muito deturpado porque gostar de um homem desse, não é normal, mas aí tem todo um lado psicológico dele, para ele ser desse jeito, não que isso seja desculpa” (Rafaela, 22, estudante).

inesquecíveis “mocinho que já sofreu muito na vida que foi abandonado pelos pais, que foi maltratado durante a infância” (Rafaela, 22, estudante).

A preferência por heróis cujas características centrais são a arrogância, a prepotência e rudeza, por certo, nos revela que a fantasia, nestes romances, sempre negocia com a cultura patriarcal (RADWAY, 1987 e MODLESKI, 1990). No entanto, este patriarcalismo vem sofrendo mudanças. A representação da heroína como passiva, ingênua e inocente vem sendo abalada na estrutura dos novos romances, em especial, os publicados a partir dos anos de 1990. Nos romances inesquecíveis a partir de 1990, houve mudanças no perfil da heroína. As fãs do gênero parecem apreciar também as heroínas decididas, fortes, independentes¹⁶, chegando a criticar elementos narrativos comuns nos romances inesquecíveis de décadas anteriores, como o fato das inocentes heroínas do passado, engravidarem, por descuido, de seus ardentes amantes¹⁷. Neste contexto, as leitoras tem uma relação ambígua com os romances “florzinhas”, ao mesmo tempo em que são amados, são também, por vezes, odiados. A relação das fãs com os romances ideais passa, pois, por dissonâncias.

Diana Palmer é um caso a parte por que a gente tem uma relação de amor e ódio porque ela escreve bem, mas ao mesmo tempo, ela acaba com as mocinhas. As mocinhas não tem um pingo de personalidade. Os mocinhos são os durões, acabam com as mocinhas é aquela relação de amor e ódio, tem sempre essas. Tem livro que a gente lê só para ter raiva, a gente fica: “como é que pode uma mulher em pleno século XXI aceitar uma coisa dessas?”, mas ninguém consegue abandonar, ela suga. (Karla, 40, revendedora de material de laboratório).

No entanto, nos romances sentimentais prediletos dos anos de 1990, encontrarmos não só heroínas mais decididas bem como elementos eróticos mais explícitos, porém, as descrições detalhadas das cenas de sexo não são, para nossa comunidade de leitura, fatores imperativos no romance ideal. Apenas 6% das entrevistadas acreditam que estas sejam um fator essencial. Entrementes, se sintonizam e se envolvem com as cenas mais românticas. O amor romântico é ainda uma prerrogativa dos romances sentimentais ideais. Nos romances sentimentais ideais, a ênfase no amor romântico vai conjugar sexo, amor e casamento, propondo um amor recíproco e indissolúvel, cuja finalidade última é a felicidade (GIDDENS, 1993).

¹⁶. “Não é nem que ela seja burra é aquela mocinha morta que não faz nem A nem B, que não faz nada, a pessoa diz vai fazer isso assim e ela vai e faz por que ela faz tudo pros outros, esse povo abnegado demais não dá pra mim.”(Rafaela, 22, estudante). Eu não gosto de menina muito patética, aquela mocinha que se contrapõe, que tem uma opinião forte que é independente” (Alexandrina, 30 anos, gerente de marketing).

¹⁷. “Realmente, é muito ilusório, uma época dessas, a pessoa com tanto método anticoncepcional e as mocinhas vivem grávidas, as mocinhas da Lynne Graham elas não sabem nem o que é camisinha, na primeira vez elas ficam grávidas” (Juliana, 26, secretária).

Neste sentido, o componente sexual é percebido como essencial para o código amoroso, mas ele só é importante nos romances ideais quando aliado ao amor. É só envolto pelo amor que as carícias físicas adquirem aprovação social. Desta feita, no romance ideal, “não pode faltar o beijo, aquelas partes românticas que eles [os protagonistas] têm e o romantismo porque sem o romantismo, não é romance, não é. E como é esse romantismo? Ah, as palavras que eles falam, que ele diz que gosta dela, os carinhos” (Lenilde, 26, costureira). Assim, o que constitui o “frescor” de um romance, fazendo com que ultrapasse gerações de leitores diferentes, dando-lhe o status de leitura inesquecível, ainda que o mundo ao redor tenha mudado, é ainda a ênfase no amor romântico apaixonado que apregoa.

Considerações Finais

Nos romances inesquecíveis, a redundância dos relatos, o forte maniqueísmo em suas personagens, fundado em espaços geográficos e sociais facilmente localizáveis parece garantir seu sucesso mundial. Não é difícil, pois, classificar os romances “florzinhas” como uma narrativa repleta de clichês, sem originalidade de estilo, com enredos previsíveis, pouco recorrendo a estruturas de raciocínio mais complexas. Estes livros obedecem, pois, a uma estrutura narrativa, ao mesmo tempo descontínua e repetitiva, que emprega os mesmos temas constantemente (CHARTIER, 2011).

Assim, os romances ideais se caracterizam por um reduzido número de variantes estilísticas, que respeita e reproduz formas canônicas fortemente conservadoras. Em muitos romances inesquecíveis, há uma ausência gritante de ambiguidade ideológica, psicológica ou moral. O romance inesquecível possui somente um eixo- o amor romântico-apaixonado- que implanta uma ideologia temática monótona e não reflexiva que não se cruza ou o faz muito raramente com outros temas psicológicos, morais ou ideológicos. Desta forma, como nos lembra Sarlo (1990), se reduz a incerteza e ambiguidade ideológica e estética da narração, se normatiza o mundo referencial e o registro da experiência. A complexidade discursiva e a densidade moral e psicológica, a representação da ironia e a tensão não tem lugar. São substituídas pelo lugar comum.

Assim, as representações linguísticas do outro (o empresário, a socialite, o fazendeiro, o médico, a secretária, o aventureiro) se baseiam fortemente em estereótipos. Como qualquer outro livro, o reconhecimento destes elementos é uma parte importante de seu sucesso e base do pacto entre produtores e consumidores culturais. Não é à toa, pois, que,

apesar das críticas de sua comunidade leitora a tais livros, muitos dos romances sentimentais inesquecíveis pertencem ao universo “florzinhas”. Apesar de muitos dos romances “eleitos” pertencerem a tal modelo de construção narrativa, destacamos que há variantes sutis na percepção de sua estrutura pela comunidade. Entretanto, tais variantes não foram objeto de reflexão deste trabalho.

O presente trabalho pretendeu entender como uma comunidade de um segmento específico de consumidores de um bem cultural desprestigiado pela cultura oficial compreende o mundo, com suas visões de mundo e formas de pensar (DARNTON, 2010). Estes depoimentos revelam que estamos diante de um mapa em construção. Trata-se da confiança dos leitores a respeito de seus modos de ler, dos sentidos que descobrem no texto. Este trabalho nos remete, assim, a circunstâncias e usos em que a prática de leitura se constroi. Trata-se aqui não da apropriação desigual da escrita no mesmo meio social, mas da circulação de um mesmo produto em diferentes meios e grupos sociais.

Não examinamos a circulação de um produto, como pensou Chartier (2011), entre leitores profissionais, aqueles que utilizam a leitura como informação, ou entre leitores de ocasião, aqueles que a pensam como puro divertimento. A leitura de romances sentimentais não é, aqui, entendida nem como simples informação nem como puro divertimento. É o indica a comunidade pesquisada. Aqui, a leitura é uma forma de estar no mundo e a agir sobre ele.

Não pretendemos, atribuir à leitura pressupostos positivos e normativos, mas discernir o que o leitor nos diz de suas leituras, buscando indicadores da fruição de ler. Estes indicadores aparecem com clareza quando nossas leitoras descrevem os pré-requisitos necessários para a instauração de um romance ideal. Essencialmente, elas nos dão pistas não somente sobre o que leem mas a maneira como leem. Não temos a intenção de dar um efeito de legitimidade aos depoimentos, tentando lhes atribuir a chave de compreensão de como se formata um romance inesquecível, mas procurar entender os mecanismos sobre os quais se constroem tal percepção.

Apesar dos depoimentos revelarem que os elementos narrativos que compõem o romance ideal fazem parte das convenções e expectativas oriundas em uma dada comunidade de leitura, constituindo superficialmente um todo homogêneo, existem leituras diversas, portanto, competências diferentes no ato de apropriação de um bem cultural, como diria Bourdieu (1979), instrumentos desigualmente distribuídos, de acordo com o gênero a qual os leitores se enquadram, a geração a qual pertencem, a relação que estabelecem com o

sistema escolar, o nível de instrução que possuem. Esses elementos criam modalidades de práticas de leitura distintas que este trabalho não abarcou. Estes são, pois, um desafio de análise que outras pesquisas podem e devem vir a desvendar.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, R. M. B; SILVA, E. H. O consumo de romances e o universo feminino: as práticas de leitura dos livros do coração IN: **Interin**: Curitiba, v.15, n.1, 2013a.
- ANDRADE, R.M.B; SILVA, E. H. O que é o romance ideal? Uma cartografia dos romances mais populares publicados pela Harlequin-Silhouette entre 1977 e 2012 IN: **XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Manaus, 2013b.
- AVERBUCK, L.(org). **Literatura em tempo de cultura de massa**. São Paulo: Nobel, 1984.
- BOURDIEU, P. A leitura: uma prática cultural. IN: CHARTIER, R. (org). **Práticas de Leitura**. São Paulo: Ed.Estação Liberdade, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **La distinction**: Critique sociale du jugement. Paris: Minuit, 1979.
- BUN, J. C. **The effects of romance novel readership on relationship beliefs, romantic ideals and relational satisfaction**. Tese de Doutorado. Boston College, 2007.
- CALDAS, Waldenyr. **Literatura da cultura de massa**. 3ª ed. São Paulo: Musa, 2001
- CHARTIER, R. (org). **Práticas de leitura**. São Paulo: Ed.Estação Liberdade, 2011.
- CHARTIER, R. S. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília. Universidade de Brasília, 1998.
- CHRISTINA-SMITH, L. K. Gender, Popular Culture and Curriculum: adolescent romance novels as gender text. In: **Curriculum Inquiry**. Ontario Institute for Studies and Education. Ontario: John Wiley & Sons. Inc., 1987.
- DARNTON, R. **A questão dos livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FISKE, J. **Television culture**. London: Methuen, 1987.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentido. IN: CHARTIER, R. (org). **Práticas de Leitura**.São Paulo: Ed.Estação Liberdade, 2011.
- JAMESON, F. **Marxism and form**: 20th century dialectical theories of literature. Princeton: Princeton University, 2010.
- JAUSS, H.R. **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Gallimard, 1978.
- LEE, L. J. Guilty pleasures: reading romance novels as reworked fairy tales. IN: **Marvels & Tales**, vol 22.Wayne: Wayne State University Press, 2008
- MODLESKI, T. The searching for tomorrow in today's soap operas. IN: BENNET, Tony. **Popular Fiction, technology, ideology production, reading**. London: London Roudledge, 1990.
- RADWAY, J. **Reading the romance**: women, patriarchy and popular literature. London: Verso, 1987.
- SAMONÀ, C. Os códigos de la novela sentimental IN: **Historia y crítica de la literatura española**. Barcelona: Crítica, 1980.
- SARLO, B. La narrativa sentimental: el genero desde la perspectiva sociocultural. IN: **Genre studies in hispanic literature**. Center of Latin American and Caribbean Studies. Michigan: University of Michigan, 1990.
- SHUMWAY, D. R. Romance in the romance: love and marriage in turn of the century best sellers. IN: **Journal of narrative theory**, vol.29, no.01, disponível em: <http://www.jstor.org/stables/30224546>.
- SODRÉ, M. **Teoria da literatura de massa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.